
Conhecendo maneiras de pensar gênero na filosofia de Portugal

Pensar no feminino.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.).

Edições Colibri: Lisboa: 2001. 295 p.

O livro *Pensar no feminino*, organizado por Maria Luísa Ribeiro Ferreira, é fruto de um trabalho interdisciplinar no qual se procura responder a algumas questões sobre os temas da mulher e do feminismo focando a área da filosofia.

É mais um dos livros que fazem parte do projeto de investigação "Uma filosofia no feminino", do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Nele, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como literatura, sociologia, medicina e filosofia, se debruçam sobre o estudo da identidade feminina, questionando as diferentes figurações do feminino ao selecionar alguns filósofos que tiveram preocupações com o tema da mulher

e ao destacar também algumas idéias de filósofas como Hannah Arendt, por exemplo.

Essa densa obra é a última concretização do referido projeto, que possui outras publicações de cunho filosófico sobre questões da mulher.¹ Como ainda temos pouco acesso a esse tipo de pesquisa, acredito que possa servir como modelo de práticas que incluam o pensamento feminino na filosofia, contribuindo assim para o avanço dos estudos de gênero em nosso país. Pensar o feminino não exclui o masculino, pois a filosofia não é nem feminina nem tampouco masculina, e não deixa de pensar nem um nem outro gênero, o que pode ser percebido no pensamento de filósofos clássicos em que aparece o feminino e na contribuição de pensadoras na história da filosofia.

O primeiro capítulo desse livro, que se chama "Identidade/Natureza/Diferença", inicia-se com a pergunta "Natureza feminina ou ser feminino?". É escrito por Joaquim Cerqueira Gonçalves, que diz que no círculo da essência humana não há homens nem mulheres, e sim

entes racionais. Para ele, ou aceitamos essa indiferença ou se mudaria de natureza. Com um texto provocativo, o autor nos fala que numa cultura e em tarefas consideradas especialmente racionais, em que pontificam o masculino e a racionalidade a este associada, a mulher não tem lugar epistemológico. Assim, Joaquim Cerqueira Gonçalves nos afirma que resta conquistar, mas questiona “como?”. O que ele propõe é que, assumindo os valores femininos, se busque o caminho, não da natureza feminina, mas do ser feminino. Isso porque o ser promove as diferenças quer no tempo, quer no espaço, ao contrário do que sucede com a natureza, que tende a dissolvê-las. Outra questão importante a destacar é que, para esse autor, a “obra é o que é”, tão singular quanto universal, e não há obras femininas nem masculinas, mas “graus e estilos de ser”.

No artigo “Hormonas, afectos e razão – a dicotomia homem/mulher”, citando Leibniz, Mary Wollstoncraft, John Locke, Rousseau, Aristóteles, Anne Conway, Sylviane Agacinski, Camilo Pessanha, Parmênides, Heidegger, entre outros, Miguel Oliveira da Silva nos apresenta uma medicina pensada de forma diferente. A partir de um tema sobre o qual ele se debruça quotidianamente – o controle feminino da reprodução e o sentido da maternidade –, o autor vê a maternidade reduzida aos seus aspectos exclusivamente biológicos e diz que não é possível se transformar num ser livre enquanto não se ultrapassar essas limitações. Miguel Oliveira da Silva reflete também sobre o fato de a constituição biológica não ser totalmente autônoma em relação ao meio envolvente e mesmo à organização social. Cita algumas transformações biológicas que ocorrem no corpo da mulher ocidental, ressaltando a maternidade como a mais fecunda diferença entre o feminino e o masculino.

Lígia Amância, em seu artigo “Mitos e racionalidades sobre a ‘natureza’ feminina”, discorre sobre os mitos, falando como ressaltam uma inquietação em torno da sexualidade feminina perante o mistério da reprodução, que se exprime nos elementos misóginos associados a uma natureza particular que servia, ao mesmo tempo, para explicar e justificar a posição de inferioridade do sexo feminino. O mito de Pandora também é abordado, assim como as idéias dos gregos sobre reprodução; as referências feitas ao corpo feminino e à ligação dos órgãos reprodutivos com perturbações mentais; e as crenças judaico-cristãs a respeito

do tema. Além disso, Lígia Amância faz uma análise da filosofia iluminista e diz que a pretensa universalidade do discurso das luzes traduz-se, todavia, em particularismo, ao associar a razão ao masculino e o feminino à natureza no âmbito do dualismo cultura-natureza criado pela idéia do contrato social.

O terceiro texto é de Montserrat Galcerán e se chama “Naturalismo e anti-naturalismo em torno da distinção sexo/gênero”. Nele é problematizada a distinção entre “o natural” e o “não natural” ou “cultural”, distinção que, segundo o autor, definiram as mulheres como seres predominantemente naturais e os homens como portadores de cultura. Montserrat fala do papel do sexo e da sexualidade nesse processo; da maternidade; da reprodução. Além disso, no texto são analisados alguns escritos de Freud. É a partir da distinção entre sexo e gênero, típica da discussão contemporânea que estabelece uma diferença entre aspectos biológicos e uma diferença entre aspectos biológicos e construções socioculturais, que se podem abordar inicialmente os processos de construção simbólica da personalidade. Segundo o autor, o sistema sociocultural de caráter histórico define o masculino e o feminino, determinando as funções sexuais, funções sociais, posições de status e de hierarquia não igualitárias e simbólicas que definem, por sua vez, os gêneros.

A organizadora do livro, Maria Luisa Ribeiro Ferreira, em seu artigo intitulado “Reflexões sobre o conceito de gênero”, afirma que gênero não é um conceito de nosso tempo, já que habita desde há muito a tradição filosófica ocidental. A autora disserta sobre o termo “gênero” a partir do significado que Platão e Aristóteles, e posteriormente a Escolástica, lhe atribuíram. Esse texto aborda temas como diferença, cuidado, pensamento maternal, identidade relacional, trazendo teóricas como Sarah Rudick, Luce Irigaray, Sandra Harding, Simone de Beauvoir, Sylviane Agacinski, entre outras.

O capítulo II, “Figurações do feminismo”, inicia-se com o texto “As Antígonas – intimidade, dor e paixão”, de Carlos João Correia. Nesse estudo, o autor traça os principais contornos hermenêuticos que a filha de Édipo assume e como as visões de Hegel, Hölderlin e Kierkegaard sobre o tema são tão dispares. Carlos João Correia nos conta que no pensamento de Hölderlin a obra de Sófocles ocupa um lugar privilegiado porque ele não só propôs uma tradução de *Édipo Rei* e de *Antígona*, como também desenvolveu um estudo sobre a

importância da visão trágica do mundo no autor grego, e nos diz ainda que Kierkegaard analisou o mito de Antígona num ensaio intitulado o "Reflexo do trágico antigo no trágico moderno", texto que pode ser encontrado na obra *A alternativa*, publicada em 1843.

Isabel Maria de Oliveira Capelo Gil, em seu texto "Antígona-subjecta. Figuração do feminismo entre o súbito e o sujeito", nos fala sobre as várias faces de Antígona. Problematisa o tema "Poder e Literatura", abordando a tragédia do sujeito moderno, dividido entre a vontade de liberdade e a normatização disciplinar do poder. Estuda o trabalho de Brecht, usando idéias de Foucault sobre poder ao analisar Antígona. Diz que a aparente emancipação do feminino brechtiano revela, contudo, "a cegueira do gênero", um não-reconhecimento da diferença. Por fim, segundo a autora, tais relações de poder têm uma função normatizadora no sujeito, criando também o discurso literário de Brecht que normaliza e disciplina Antígona.

No artigo "Palavra de mulher. A articulação feminina do amor na *Menina e moça* de Bernardim Ribeiro", o autor Adelino Cardoso faz uma análise da obra *Menina e moça*. O autor conta que a intriga da novela é a de um eu à procura de si, num mundo que não tem medida comum com esse mesmo eu. Segundo ele, o início da trama parece se ajustar a uma narrativa convencional, mas o narrador, o narratório e o destinatário são um só e não joga com a intensidade dramática da narrativa. Essa novela, com marcantes traços de subjetividade, como é caracterizada no artigo de Adelino Cardoso, é analisada sob aspectos do feminino e do masculino. Segundo o autor, *Menina e moça* manifesta a verdade que se oculta no modo feminino e é considerada por ele uma obra tipicamente feminina.

Maria José Maurício vai falar sobre a feitiçaria em seu artigo "A feitiçaria e o feminino nos séculos XV a XVII", no qual ela mostra que o 'problema' da feitiçaria foi um fenômeno que envolveu as mulheres como protagonista de práticas e saberes durante séculos, no pior sentido, para estancar as possibilidades do seu desenvolvimento cultural e social. A autora leva em conta que esse tema conquistou um lugar de relevo nesse percurso feminino, não pelo sentido positivo, mas pelo aproveitamento que dele se fez para julgar e condenar as mulheres, não pelo que elas diziam e faziam, mas por aquilo que se dizia que elas faziam e diziam. Nesse texto, que é o resultado de uma pesquisa

sobre a mulher feiticeira, Maria José Maurício questiona: por que razão eram as mulheres consideradas feiticeiras, mais do que os homens?

Isabel Allegro de Magalhães, em seu artigo denominado "Fernando Pessoa e um feminino em falso", analisa cartas de amor entre Fernando Pessoa e Ophélia Queiroz. Também analisa idéias e imagens de mulheres que aparecem na obra do poeta português; fala da "figuração do feminino", tanto gramatical, quanto estilística; trata da mulher amante da sensualidade e erotismo que Fernando Pessoa constrói. Isabel Allegro percebe que a mulher figurada não existe como "ser para si", mas que aparece na terceira pessoa (ela); e que, por outro lado, como um "em-si" a mulher em Fernando Pessoa só tem existência pelos contornos intangíveis da sua figuração lingüística, mantendo uma longínqua relação com a sua realidade.

O texto "A arte de pensar metáfora, mulher e discurso em *Bolor*, de Augusto Abelaria", escrito por Maria Lucia Lepecki, põe a hipótese de uma mulher, na ficção abelariana, ser na aparência uma personagem e na realidade uma construção sobre o modelo da metáfora. Ela fala do livro *Bolor* e diz estar razoavelmente convencida de que as argumentações desenvolvidas no seu texto ajudam a compreender implicações de fundo de toda a escrita abelariana.

Por último, no capítulo III nos é apresentado primeiro o texto intitulado "Sobre a virilidade: Cícero e Mônica", de Paula Oliveira e Silva. Nesse texto é mostrado que Cícero, ao falar sobre as paixões nas *Tusculanae disputationes*, deixa mais evidente que o modelo cultural de virtude que tem em mente é o do varão, esclarecendo que a misoginia se encontra entre as paixões mórbidas, ao considerá-la uma doença do corpo que, unida à afecção do medo, gera no varão o ódio às mulheres. Essa autora fala também do incômodo que Santo Agostinho sente no *Diálogo sobre a ordem*.

Maria Leonor L. O. Xavier fala da filósofa que viveu no século XII chamada Hildegarda de Bingen, que atuou na medicina, filosofia natural, música, poesia, teologia e espiritualidade. O texto "Hildegarda de Bingen. As suas visões e as suas razões" trata da relevância dessa filósofa na história da cultura européia, sendo apresentada principalmente sua primeira obra, *Scivias*, que, segundo Maria Leonor, traz uma "abordagem pluridisciplinar". Ela nos mostra as idéias de Hildegarda sobre a mulher, a filosofia e a "teologia hildgardiana das virtudes".

Em "O profotemismo em Mary Astell. A incomensurabilidade entre direitos e deveres", Maria João Pires Mendes analisa as idéias de Mary Astell. A autora contextualiza o século XVII e apresenta a crítica que Mary Astell fazia à sociedade em que vivia e o que ela pensava sobre educação para as mulheres. O profotemismo de que Maria João Pires Mendes fala diz respeito ao fato de reconhecer o embaraço teórico a que o estatuto da mulher dá lugar quando recoloca o dilema da obediência ao governante.

Em "As mulheres de Hegel", Manuel José do Carmo Ferreira mostra mulheres que aparecem na vida e na obra do filósofo alemão, começando por Maria Madalena em *O espírito do cristianismo e o seu destino*. Antígona é a segunda figura feminina mais presente em Hegel. Já Maria Helena Susana von Tücher, sua esposa, é citada nesse artigo por ter sido motivo de prosa e verso na filosofia hegeliana. Por fim, Maria, a virgem-mãe, é analisada na obra de Hegel porque, como nos conta Ferreira, o filósofo fez várias referências a ela.

No artigo "Feuerbach e a sensibilidade andrógina", Adriana Verissimo Serrão analisa que em alguns escritos desse filósofo o feminino surge como uma noção polarizadora provida de uma função relativamente marcante, quer em articulação com o masculino, quer associada à figura da sensorialidade na determinação das condições do conhecimento racional objetivo. O cerne da proposta feuerbachiana de uma nova racionalidade é a identificação da razão com o humano integral e do humano integral com a sensibilidade. A passividade ganha o valor de princípio ontológico supremo. A autora diz haver uma evidente androginia nessa determinação de duas faces de uma única sensibilidade e na recondução dos atributos masculino e feminino a uma mesma natureza que é ativa e passiva, mas que só pode ser passiva quando estimulada pela alteridade.

Isabel Matos Dias, em "Feminino M. Merleau-Ponty. Um estilo ontológico", nos conta que são breves as referências explícitas do filósofo francês à problemática do feminino-masculino. Analisando obras e cursos que Merleau-Ponty ministra, a autora desse artigo

observa o que ele fala da mulher e acredita que a sua filosofia conduz a uma recuperação-criação do feminino e/ou uma reabilitação ontológica do feminino. Ela analisa um curso dado na Sorbonne em 1952, intitulado "Méthode em psychologie de l'enfant", bem como o jornal *L'Express*, de 6 de novembro de 1954, que traz uma resposta ao artigo "Lês femmes sont-elles des hommes?", de Paul Boyer, e uma nota de trabalho de *O visível e o invisível*.

Maria Antônia Pacheco, em seu texto "Hannah Arendt e a condição humana", explora as idéias dessa filósofa sobre a filosofia moderna, mais precisamente suas idéias relacionadas a Descartes e suas teorias; *homo faber*; as conseqüências do processo de produção a partir desse *homo faber*; a mudança para a modernidade do pensamento; e *animal laborans*. Maria Antônia Pacheco também nos conta que, na perspectiva de Hannah Arendt, a conseqüência mais marcante das descobertas da época moderna foi a inversão da relação hierárquica entre "vita contemplativa" e "vita activa".

Por fim, procurando um fio condutor à maneira ricoeuriana, o último artigo vai oscilar entre crítica e convicção. Fernanda Henriques, em "Da possível fecundidade da racionalidade de Paul Ricoeur para o pensamento feminista", busca como investigadora a configuração de um módulo de racionalidade que possa dar conta da realidade, em todas as suas diferenciações, de uma humanidade plural, composta por homens e mulheres. A autora analisa o texto "Lo feminino como metáfora en la racionalidad postmoderna y su (escasa) utilidad para la teoria feminista", de Cristina Molina Petit. Fernanda Henriques discorre sobre a pergunta "Hoje a razão tem uma imagem enfraquecida?", traz a razão hermenêutica de Paul Ricoeur e apresenta o modelo de racionalidade desse filósofo.

Notas

¹ Publiquei a resenha de uma delas – "Também há mulheres filósofas" – na *Revista de Educação da Unisinos*, v. 10, p. 81-84, 2006.

Graziela Rinaldi da Rosa ■
Universidade do Rio dos Sinos